

## Área de concentração: **Direito Comercial**

### **Texto de Trabalho:**

#### **“o carneiro ... acionista”**

Crônica de Machado de Assis, 14 de outubro de 1883, BALAS DE ESTALO

A DIRETORIA DO BANCO Industrial e Mercantil convocou a assembleia geral dos acionistas para discutir o projeto dos novos estatutos. Não apareceu maioria. Nova convocação e igual resultado. Agora a diretoria convoca a assembleia para o dia 25, e declara que nesta 3ª reunião, qualquer que seja o capital representado, a assembleia poderá deliberar, são os termos da lei.



*Carruagem puxada por zebras de Walter Rothschild, modelo a seguir imitado por Henry Lonwdes.*

Este fato destruiu uma das minhas mais funestas ilusões. Eu supunha que o acionista era uma criatura obediente, pacata, sabendo cinco até seis palavras da língua, e nenhuma negativa,

salvo quando uma negativa equivale à afirmativa; por exemplo: – Parece-lhe que temos andado mal? – Não, senhor. – Acha que devemos entregar a prebenda a outros cavalheiros? – Nunca! Quem me meteu esta ideia na cabeça foi um carneiro que eu tinha em casa. Nunca falei deste episódio, por medo dos sábios, que não admitem milagres; e, agora mesmo, se falo dele, é para explicar a minha errada convicção, não para discutir com pessoas competentes. O carneiro de que trato foi-me dado por meu padrinho, no dia de meus anos, e chamava-se Mimoso. Era eu que o soltava todos os dias, que lhe dava de comer e beber, que o levava a passeio, coisas todas que ele agradecia e pagava, tornando-se meu amigo. Um dia, estávamos ao portão (era em Catumbi), e passou um vizinho, dizendo-me que ia receber uns dividendos de companhia.

Não se imagina o efeito que esta palavra produziu no carneiro. Começou ele a saltar, a querer ir também, rua fora; consegui subjugar-lo, dizendo-lhe, em voz alta, como se fala a um animal de estima:

– Anda, sossega, sossega, Mimoso! Ele olhou para mim, com os olhos doces, próprios do carneiro, e perguntou-me melancolicamente:

– Por que me não há de deixar ir receber os dividendos?

Os cabelos ficaram-me em pé, recuei aterrado, mas ele tinha os olhos tão meigos, e a voz tão persuasiva, que a primeira impressão passou. Vim até ele, e disse-lhe com brandura, que ele não precisava de dividendos, bastava-lhe a minha estima, que lhe daria tudo. Demais, só recebem dividendos os acionistas, e ele não era acionista.

– Sou acionista.

– Está brincando...

– Falo sério, muito sério. Nem creia o senhor que haja muita onça, lobo ou leão, que compre ações; em geral são os carneiros, e uma ou outra raposa...

– Entretanto, você é o único que aparece assim; todos os outros...

Mimoso arregaçou a parte superior do focinho como se quisesse sorrir, e replicou:

– Nós, os acionistas, temos a faculdade de andar com a forma de carneiro ou de homem. Eu prefiro a de carneiro, por achá-la mais cômoda. Quem anda em dois pés, mais facilmente cai; por isso ando em quatro. Além disso, há da minha parte, neste procedimento, um certo amor próprio; – não quero usar cara emprestada. Carneiro sou, carneiro fico.

Foi dali que me veio a singular persuasão em que estava; descubro agora que foi – ou uma caçoada do animal –, ou uma alucinação minha. Na verdade, o caso do Banco Industrial e Mercantil prova que o acionista tanto não é carneiro, que não obedece ao chamado. A diretoria não o convoca para dar-lhe um ou dois cascudos, mas só e somente para ler-lhe e pedir-lhe que discuta a nova lei que tem de reger o meneio dos capitais; e chama-o uma vez, duas vezes, sem conseguir que ele lá vá. Justamente, agora ocorre-me um caso precedido há tempos. Estava eu em certo escritório de companhia, e no dia de assembleia. A diretoria tinha feito uma convocação, sem resultado, e marcara esse novo dia. De repente, corre um empregado a avisá-la que havia a uma pequena maioria de votos. Os diretores correram a apanhar os acionistas presentes, antes que uma parte deles desse às gâmbias – e inutilizasse a convocação. Tratava-se nada menos que de prestar contas do ano. Quando se deu este fato, tinha ainda em casa o carneiro, e consultei-o. A explicação que ele me deu foi mais especiosa que verossímil. Disse-me que o carneiro, seja ou não acionista, morre calado; e, para morrer calado, não é preciso dar-se ao trabalho de estar sentado uma ou duas horas, ouvindo algumas coisas, e levantando-se de quando em quando, para responder invariavelmente:

– Parece-lhe que temos andado mal?

– Não senhor.

– Acha que devemos entregar a prebenda a outros cavalheiros? – Nunca!

– Tudo isto é especioso. A verdade é que o acionista é indolente: importa-se mais com os dividendos que com os divisores.

MACHADO DE ASSIS in FRANCO, Gustavo H.B. (org.) A Economia em Machado de Assis – o olhar oblíquo do acionista. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2008, pp. 50-54.

Com base no texto apresentado, disserte sobre os seguintes temas:

1. Tendo a sociedade, em sua origem, um caráter contratual e sendo o Banco do caso uma sociedade com prazo indeterminado - como explicar a impossibilidade do narrador simplesmente denunciar seu vínculo e reaver seus investimentos junto à companhia para investi-los em outra alternativa melhor? (0,00 a 3,00 pontos)
2. O narrador acionista minoritário está interessado na distribuição de dividendos. Já o Banco do Brasil é uma sociedade de economia mista que desempenha ainda uma função pública. Dividendos são a única forma de remuneração do acionista? Como se define interesse social? Como fica o interesse social em sociedades de economia mistas que têm propósitos públicos a perseguir? (0,00 a 5,00 pontos)
3. De acordo com o texto, o narrador apenas se interessa pela distribuição de dividendos, ainda que a sociedade possa ter outros objetivos de médio/longo prazo. Disserte sobre deliberação em conflito de interesses, o histórico de sua aplicação, tanto juridicamente quanto sob o aspecto regulatório, e as perspectivas, inclusive distinguindo-o do benefício particular. (0,00 a 2,00 pontos)